

REDACTOR PRINCIPAL
EDITOR
Joaquim Cardozo
 Propriedade da União Operária Nacional
 — Rua da Armada, 10 —
 (Transmissão de luz que regula a impressão)

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA QUESTÃO SÉRIA

Os operários dos eléctricos reclamam aumento de salário

E a Companhia transige... com a condição de que esse aumento seja extorquido aos passageiros

Acabam os camaradas dos eléctricos de formular, perante a companhia respectiva, um conjunto de reclamações de todo o ponto justas. Em relação com o custo da vida são na verdade irrisórios os salários que auferem aqueles camaradas. Trabalhando em péssimas condições higiénicas, muitas vezes de noite, sujeitos a todas as intempéries, que precocemente lhes arruinam a saúde inutilizando-os para o ganha-pão diário, tendo constantemente sobre os ombros o peso de tremendas responsabilidades, a classe do Pessoal da Companhia Carris de Ferro é hoje uma das mais mal remuneradas. A 22 do corrente rebatiu a pessoal dos eléctricos e resolveu apresentar à companhia um conjunto de reclamações de que a *Batalha* deu conhecimento aos seus leitores logo no dia imediato. Entre outras coisas de menor vulto, reclamavam aqueles nossos camaradas: um aumento de salário de 80 diários a todo o pessoal; instituição do regime de oito horas, já decretado, e de sete horas para o serviço de revisão noturna; que a companhia organizasse em Santo Amaro uma farmácia privativa para uso dos seus empregados; que fosse concedido o descanso semanal de 24 horas. Somos nós os primeiros a reconhecer a justiça que assiste ao pessoal dos eléctricos nas reclamações que vem de apresentar. E nas colunas de *A Batalha* encontramos essas camaradas todo o apoio de que carecerem para que inteira justiça lhes seja feita.

Os antecedentes da questão

Em 1918, e em consequência duma exposição feita à Câmara Municipal de Lisboa pela Companhia Carris de Ferro, foi-lhe permitido o aumento temporário das tarifas, atendendo às excepcionais condições criadas pela guerra e muito especialmente à espantosa elevação de preços da hulla. A companhia porém entendeu que aquela concessão temporária se devia transformar em definitiva. E, uma vez terminada a guerra, apesar da baixa de mais de 50 por cento que sofreram os preços da hulla, apesar da maior facilidade de transportes e do seu barateamento, apesar de terem diminuído consideravelmente os encargos do seguro pelo desaparecimento dos riscos de guerra, a companhia continuava cobrando abusivamente as mesmas tarifas de 1918, calculadas em relação aos preços de guerra.

Note-se que não fomos nós quem primitivamente o afirmou. Foram os verdadeiros socialistas do município de Lisboa que, depois de terem atentamente estudado as relações da Companhia com a Câmara, declararam publicamente que aquela vinha defraudando a população da cidade em muitas centenas de escudos diários. E acrescentaram que tal abuso ia terminar muito brevemente, pois que vereadores zelosos de interesses cuja defesa lhe havia sido confiada não podiam consentir por mais tempo semelhante extorsão.

Tornada pública tal declaração, todos ficámos à espera das medidas energéticas que a Câmara, decerto, ia tomar para meter na ordem a poderosa Companhia. E já esfregávamos as mãos de contentes anteaguardando a volta às suas dadas tarifas de antes da guerra.

O município de Lisboa perante a Companhia

Correm velozes os dias, uns após outros; a umas semanas outras se veem partir. Entretanto parece que uma pedra tumular caiu sobre o assunto, tão profundo é o silêncio da nossa vereação sobre tremendo escândalo, sobre a abusiva extorsão da Companhia Carris, nem mais uma palavra. Porquê? Teriam reconhecido os mesetristas vereadores que a Companhia usava de um legítimo direito cobrando, além do prazo estipulado pela Câmara, as tarifas de 1918? Ou teve o município o receio de que poderes obstáculos se levantassem quando se tratasse de meter na ordem o sr. Alfredo da Silva e seus britânicos conselheiros? Temos bons elementos para acreditar que foi esta última hipótese a que se deu.

E se assim foi, como tudo nos leva a crer, trata-se de uma tibia e, de uma indesculpável transigência da vereação, a quem a cidade confiou a defesa dos seus interesses, e que não sabe, não pode ou não quer cortar cerca com os abusos da Companhia. E não venham mais com o sedido argumento de que se trata de uma companhia estrangeira. Cá dentro, estrangeiros e nacionais tem que se sujeitar às mesmas leis. E um acto condenável, uma ilegalidade ou um roubo, não deixam de ser quando cometidos por súbditos de outros países. Urge, portanto, que a Câmara explique, muito claramente, a sua extranha e obscura atitude nesta gravíssima questão dos eléctricos. E preciso que se destriçam responsabilidades e o público conheça os motivos determinantes do procedimento dos ilustres vereadores.

Como solucionar a questão?
 Exportos assim os antecedentes e o estado actual do problema, resta-nos

tratar da solução que ao assunto se pretende dar.

Chamado à presença do ministro do trabalho, o sr. Alfredo da Silva, director da Companhia Carris de Ferro, mostrou-se disposto a transigir com as reclamações do seu pessoal, com a condição de lhe deixarem aumentar as tarifas proporcionalmente ao aumento de encargos resultantes das concessões feitas!

Este sr. Alfredo da Silva tem fama de ser uma pessoa inteligente. E é na verdade.

Simplesmente imagina que isto é um país de parvos ou de egeos, em que todos se curvam diante das suas opiniões. Neste ponto engana-se, talvez, o inteligente industrial.

Ora esta esperteza do sr. Alfredo da Silva, apesar de não ser original, é, na verdade, curiosa. Para acudir à carência da vida, uma classe reclama melhoria do situação.

Vão os industriais, estudam o problema e resolvem conceder a melhoria pedida, com a condição de lhe deixarem aumentar outro tanto os preços dos produtos da respectiva indústria.

Quere dizer, beneficia-se uma classe à custa do agravamento de situação de todas as outras. E como cada classe, sentindo agravar-se a sua situação económica, reclama, por sua vez, aumento de salário, e como os outros industriais seguirão o exemplo e aumentarão também o preço dos produtos dos respectivos industriais, em correspondência com o que cedermos aos operários, ao fim de pouco tempo estamos outra vez no ponto de partida. Cada um de nós ganha salários mais elevados; mas, como tudo quanto é indispensável à vida, aumentou, pelo menos na mesma proporção, vemos-nos exactamente nos mesmos embarracos de que antes para nos podermos manter. Entretanto, os proprietários e industriais assistem, de palanque, a este espectáculo do insensato, que faz lembrar os carrilhões das feiras; em que os frequentadores correm atrás uns dos outros, indefinidamente, montados em cavalos de pau.

É preciso, pois, romper, em qualquer ponto, este círculo vicioso. Da contrário, todas as melhorias concedidas serão puramente ilusórias. Estamos, portanto, inteiramente ao lado dos camaradas dos eléctricos, cujas reclamações são justíssimas. Nestas colunas os defenderemos com toda a energia e a melhor boa vontade. Mas o que é indispensável é que as melhorias reclamadas sejam das burras da Companhia e não dos magros bolsos de todos os que temos que andar de carro. Contra esta habilitada solução protestamos energeticamente, em nome dos interesses feridos das restantes classes trabalhadoras.

Estamos, portanto, inteiramente ao lado dos camaradas dos eléctricos, cujas reclamações são justíssimas. Nestas colunas os defenderemos com toda a energia e a melhor boa vontade. Mas o que é indispensável é que as melhorias reclamadas sejam das burras da Companhia e não dos magros bolsos de todos os que temos que andar de carro. Contra esta habilitada solução protestamos energeticamente, em nome dos interesses feridos das restantes classes trabalhadoras.

OPERÁRIOS DO MUNICÍPIO

Na sua reunião de ontem, resolveram aguardar uma resposta da câmara até hoje, às 21 horas, a fim de deliberarem sobre o caminho a seguir

Como anunciámos, realizou-se ontem, com enorme concorrência, a assembleia magna dos operários do município.

Aberta a sessão, o camarada Adelino dos Santos, explica o resultado das démarches realizadas pelo comité junto da vereação, manifestando-se a assembleia contra a forma como a câmara tem procedido. Usaram da palavra vários camaradas, entre eles Francisco Nunes, que diz não concordar com a greve, mas é de opinião de que a classe deve conservar-se em sessão permanente. Em vista disso, o camarada Abreu Vieira submete à apreciação da assembleia uma moção, cujas conclusões são as seguintes: dar todo o seu apoio à comissão para continuar a tratar das reclamações; manter firmeza nas reclamações; ficar a classe desde já em sessão permanente; dar à vereação o prazo de 24 horas para uma resposta definitiva, moção esta que foi aprovada.

Falaram também os camaradas Serafim da Silva, Fernando Gomes, José da Costa Pereira, João Gregório, Mário dos Santos e outros, que disseram estar de pleno acordo com as palavras do camarada Nunes e bem assim com a moção presente.

Por fim, foi proposta pelo camarada Francisco Nunes uma saudação aos camaradas corticeiros, sendo aprovada por unanimidade.

Deve hoje continuar a sessão, pelas 20 horas, a fim de se resolver sobre o caminho a seguir.

Pessoal da C. U. F.

BARREIRO, 26. — Lavra grande efervescência neste pessoal por constar que a Companhia não quere satisfazer os compromissos tomados na nota enviada ao pessoal.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Monárquicos bolchevistas

Pretenderam algumas criaturas, talvez até sinceramente, que o bolchevismo tinha em Portugal os seus melhores propagadores e defensores. Nas hostes monárquicas. O sr. Mayer Garçon, por exemplo, era dos que nesta convicção se mantinha. Os monárquicos, gente por excelência conservadora e reacçãoária, arvorados à última hora em militantes bolchevistas, ou socialistas, que vem a ser a mesma coisa, é ideia que, por inverosímil, nem na cabeça dum gafanhoto caberia. Mas o certo é que muitas pessoas, pode-se até que sinceramente, mostraram acreditar-lhe. Estas são as ideias; mas, passando aos factos, que vemos? Vemos que a *Epoca* dá à estampa uma série de trapalhices, no evidente intuito de desvirtuar os princípios da revolução russa. A *Epoca* é um jornal monárquico e católico. Mas há mais. A *Capital*, jornal republicano, veja lá o sr. Mayer Garçon, pega nas trapalhices de *A Epoca* e sobre elas borda uma sucessão de considerações também atrapalhadas. Muito concordante, neste particular, a orientação dos dois jornais, o republicano e o monárquico. Talqualmente a lógica indicava e nós prevíamos.

Liga tabagista

Em França existe uma Liga contra o abuso do fumo, de criação anterior à guerra. Pois surge agora um grupo de maduros e cria a Liga nacional para defesa do tabaco. Já Cicero disse que por mais ridícula que uma ideia seja, sempre um filósofo apareceu a defendê-la. No caso em questão não se trata precisamente de filósofos, mas, provavelmente, de algumas interessantes criaturas ociosas. Agarrar num punhadito de beryas secas, embrulhadas num quadrado de papel, botar-lhe o lume por uma ponta e chupar pela outra o fumo resultante da combustão são ocupações a que meio mundo se entrega delectado. Mas criar uma Liga nacional para defesa do nefasto e dispendioso vício é coisa que só terão coragem de fazer aqueles que não tiveram um dia de aturar as manobras da nossa Companhia dos Tabacos.

A má conselheira

Chega-nos às mãos uma nota dos salários actualmente auferidos pelo pessoal da companhia do caminho de ferro de Penafiel à Lixa, curioso documento lido ontem na reunião dos ferroviários da C. P. Na impossibilidade de reproduzi-lo integralmente, aqui consignaremos os pontos mais elucidativos. Na secção do movimento, o maior salário atinge 340 diários. E quanto ganham os chefes de estação, os condutores, os guardas-freios e os revisores. Aos carregadores dão-se 338. Na via e obras regulam as pagas pela mesma. Os fogueiros locupletam-se com 355 por dia, e não são, afinal, dos melhor remunerados na «tracção» porquanto os limpadores tem de contentar-se com 336. Os amanuenses abichem ordenados variando entre 340 e 338 centavos. As queijadas maiores vão para os maquinistas e para o chefe da fiscalização, cujo salário médio orça por oito tostões por dia. Uma riqueza de ordenados. Junta-se a informação de que, na região, a carestia da vida é pavorosa, maior mesmo, pelo que respecta a alguns géneros de 1.ª necessidade, do que em Lisboa. Por forma que a fome está na ordem do dia entre o pessoal do caminho de ferro de Penafiel à Lixa. Como pode, realmente, viver um homem, com tais irrisórios proventos, tendo de pagar, por exemplo, o bacalhau a 1.200, o pão a 360, o arroz a 355? Não será difícil adivinhar a solução que a fome, a má conselheira, impôs a cada um dos desgraçados. As mercadorias em trânsito na linha não raro perdem em peso durante um trajeto. O próprio inspector geral, conhecendo embora o facto, vê-se coagido a fechar os olhos porque não se acha com direito a condenar o pessoal à morte, por inanición. E os pobres explorados, para subtrair-se à fome, não poderão dar de mão aos expedientes que adoptaram, sabe Deus com que íntima repugnância, porque as necessidades lh'os sugeriram. Enquanto, provavelmente, os directores da Companhia, ímpam de fartos, nem pela ideia lhes passando atentar um pouco na miséria indizível a que a sua cupidité dá lugar.

Acabou a guerra...

Mas polacos e ucranianos continuam combatendo

VARSOVIA, 24. — Os polacos ocuparam na sexta-feira Novorodok e no sábado Vilna e Białystok. Importante ligação ferroviária da linha de Vilna a Lida e com a rede nacional de abastecimento de material.

Na região de Lemberg os polacos romperam no sábado a nova frente ucraniana. — H. I.

BAIRROS SOCIAIS

Realizou-se ontem o lançamento da primeira pedra

Conforme ontem noticiámos efectuou-se a cerimónia do lançamento da primeira pedra dos Bairros Sociais, ao Arco do Cego. O acto esteve muito concorrido, tendo assistido o chefe do Estado, membros do governo, câmaras municipais e representantes de várias agências sociais.

Falaram, entre outros, Duarte Salgado, Sobral de Campos, Costa Júnior e Campos Lima. Foi ouvido um discurso de agradecimento, sendo ao clausurar usada de guitarra e violão de República, o ministro do trabalho, o vereador municipal Costa Júnior, e o primeiro camará da Câmara Municipal, o sr. Francisco Cristó, que representava a *Batalha*.

O 1.º de Maio

Os quadros tipográficos dos jornais resolvem não trabalhar nesse dia

Reuniram ontem, na sede da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, delegados dos quadros tipográficos dos jornais diários de Lisboa, que resolveram não trabalhar no próximo dia 1 de Maio, acompanhando assim as aspirações da organização operária. Em consequência desta resolução não se publicará nesse dia os jornais da tarde nem os da manhã do dia imediato.

Na Associação dos Taneiros

Efectuou-se ontem no Poço do Bispo uma sessão de propaganda, promovida pela Associação dos Taneiros de Lisboa na respectiva sede, sobre o próximo acto do 1.º de Maio.

Presidiu o camarada José Gonçalves Moreira, secretariado pelos camaradas João de Almeida e Garibaldi Bastos, fazendo uso da palavra M. J. de Sousa, pela U. O. N.; Artur Parente, pela U. S. O. de Lisboa; Quintino Moreira, António Canha e Faustino Ferreira, os quais se referiram largamente ao estado de atraso orgânico da classe operária em Portugal, frisando a necessidade de robustecer e completar a sua organização para, quando surgir a hora de agir, desempenhar cabalmente a sua missão histórica e emancipadora.

No final da sessão foi tirada uma questão a favor de *A Batalha*, que rendeu a quantia de 6490.

A Associação dos Taneiros de Lisboa adquiriu já 10 acções de *A Batalha*.

Na União dos Sindicatos Operários

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa promove hoje mais uma sessão de propaganda e preparação do comício do dia 1.º de Maio, no Sindicato dos Manufatureiros de Calçado, rua do Arco Marquês do Alegrete, 32, 2.ª. A sessão começa às 21 horas, sendo a entrada pública.

Nos Operários do Município

Na sede da Associação dos Operários do Município realizou-se anteontem, promovida pela U. S. O. de Lisboa, uma sessão preparatória da manifestação do 1.º de Maio.

Falaram os camaradas Manuel de Abreu Vieira, Fernando Gomes, Gil Gonçalves, João Rebelo, Alberto Monteiro, pela U. S. O. sendo por fim aprovada a seguinte moção:

Considerando que os trabalhadores do Oriente estão neste momento conquistando a sua completa emancipação;
 Considerando que os trabalhadores portugueses já por diversas vezes tem reclamado do Estado, por intermédio da U. O. N., as regalias que de não são concedidas;
 Considerando que ainda se encontram em África milhares de portugueses, devido à greve geral de Novembro último;

A assembleia resolve:
 1.º Dar todo o seu apoio aos camaradas que, além das fronteiras lutam pela conquista de terra e liberdade;
 2.º Reclamar, por intermédio da U. O. N., o imediato regresso à metrópole, dos camaradas que ainda se encontram em África sem julgamento;
 3.º Dar todo o seu apoio à U. S. O. para que ela leve a bom termo a grande manifestação do 1.º de Maio.

Em Oeiras

A Associação de Classe dos operários desta localidade realiza no 1.º de Maio uma sessão de propaganda contra a carestia da vida na vila de Paço de Arcos, na sede da Associação dos Calceiros, pelas 11 horas da manhã, na qual tomam parte delegados da U. O. N., U. S. O. e Federação da Construção Civil da Região do Sul, e pelas 16 horas (4 da tarde) realiza na sede do seu sindicato, em Oeiras, uma sessão comemorativa do 1.º de Maio e carestia da vida, fazendo uso da palavra os mesmos delegados que tomam parte na sessão de Paço de Arcos.

O reise da Indústria textil

A comissão encarregada de estudar e propor ao governo as medidas a adoptar para solucionar a crise da indústria textil foi dividida em sub-comissões, sendo uma para a secção de lã e outra para a de algodão. Esta sub-comissão reúne amanhã na Associação Industrial Portuguesa, sob a presidência do sr. Henrique Taveira, que representa os delegados da Covilhã.

O Conselho Jurídico da U. O. N. e o decreto-lei do Inquilinato

Realizou-se ontem, como fôra anunciado, a conferência do dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da U. O. N. sobre o novo decreto do inquilinato. Estava cheia a sala da Cooperativa do Pessoal do Arsenal do Exército tendo o auditorio ouvido com muita atenção e muito agrado as considerações e comentários feitos à lei.

O dr. António Granje, ministro da justiça, apesar de convidado pelo Conselho Jurídico para assistir à conferência não assistiu, não correspondendo assim à U. O. N. que, quando convidada por elle, foi ao seu ministério tomar parte na reunião que precedeu a publicação do actual decreto do inquilinato.

Por falta de espaço não damos hoje aos nossos leitores o relato da interessante conferência donde resultou a convicção da inutilidade do decreto para o inquilinato de habitação.

A BATALHA em Coimbra vende-se na livraria Patria, rua de São João.

UMA CLASSE QUE DESPERTA

Continua a greve geral corticeira

O movimento estende-se ao Alentejo — Reina grande entusiasmo entre os grevistas — Em várias localidades votam-se saudações a A BATALHA

A greve geral corticeira, declarada na quinta-feira, prossegue entusiasticamente. Segundo informes que abaixo publicamos, o movimento estende-se ao Alentejo, sendo já absoluta a paralização em Évora e devendo paralizar hoje os corticeiros de Portalegre.

O movimento ganha, pois, de dia para dia, mais força e energia, mantendo-se entre os corticeiros o esplêndido moral dos primeiros dias de luta.

Esperanças estamos em que este episódio da tremenda luta de classes, se resolva com vitória completa para a parte operária, devido à firmeza e solidariedade existente entre os camaradas em luta, sendo mesmo possível que tudofique hoje solucionado na reunião conjunta, que se realiza no ministério do trabalho, de delegados operários e industriais. E então a organização corticeira, rejuvenescida com esse triunfo, voltará a ser, como em tempos que já vão longe, uma das principais forças do proletariado organizado da região portuguesa.

No Barreiro

Os grevistas reúnem — Exatidão de uma autoridade — Prossegue a greve sem defeições

Pelas 18 horas de ontem tornaram a reunir os operários corticeiros em greve, tendo previamente convidado a comparecer, à sessão o administrador do concelho.

Aberta a sessão, falaram vários operários, que, depois de largamente se referirem ao movimento grevista, à energia e tenacidade dos corticeiros, analisaram o procedimento das autoridades, requisitando força armada para as localidades onde o incremento da greve se torna mais acentuado. Sobre o procedimento do administrador do Barreiro, falaram alguns operários, que o verberaram, dizendo que o mesmo administrador se esquecera, no lugar que ocupa, de que é um trabalhador como os que actualmente estão em greve, não se justificando a sua atitude, irritante e, sobretudo, extremamente incorrecta, quando os operários tem procedido com toda a correção e serenidade, apesar do seu movimento ser originado pela fome.

Condenando a permanência da força da armada no Barreiro, consideravelmente aumentada pela chegada de mais sessenta praças de infantaria 11, além da força de marinha já ali existente, os oradores prosseguiram na análise aos actos do administrador, refutando energeticamente a lógica burguesa, que pretende impor, pela força das armas, a vontade dos industriais aos operários que pedem pão.

O camarada Seta desenvolveu o relato dum caso passado com o administrador do concelho e o industrial Quintino, na presença dos operários, que prova o caminho errado seguido por aquela autoridade.

Foi o caso — diz o camarada Seta — que na ocasião em que alguns operários do sr. Quintino, procuraram receber daquele, uns restos de salário já vencido, surgiu o administrador, que dirigindo-se ao sr. Quintino, lhe disse: faça o embarque, que já tenho a força para o garantir e estão mais requisitados.

Retorquiu o industrial com um agrado e com a declaração de que não necessitará da força armada para fazer o embarque, pois que a correção dos seus operários lhe garantia, sem necessidade de violências.

Assim, o próprio industrial demonstrou ao administrador a desnecessidade da violência e o erro por aquela autoridade cometido.

Outros mais factos foram citados, que à autoridade administrativa criaram uma situação deprimente. O camarada Veiga que se seguiu, depois de fazer a demonstração de alguns actos da autoridade para com os operários, diz que se propala, sem fundamento, que Miguel Corrêa é o elemento que tem revoltado os operários do Barreiro, quando é certo que esse camarada nada tem com esta greve, nem tem tido com outras, porque o mobil delas é a miséria e a fome, não necessitando os operários que Miguel Corrêa lhes venha indicar o caminho a seguir, por eles bem o conhecem. Falaram ainda outros operários. O administrador do concelho, que assistiu à sessão, procurou defender-se não o conseguindo.

A sessão foi encerrada aos vivas à greve, que prossegue entusiasticamente. *A Batalha* é lida com avidez.

Em Évora

A paralização é geral — A Batalha arranca das mãos dos vendedores

EVORA, 27. — A classe corticeira encontra-se em sessão permanente. Reina grande entusiasmo aguardando-se os resultados da Federação Nacional Corticeira e notícias do delegado en-

viado a Lisboa. A União dos Sindicatos Operários tem-se feito representar nas sessões. Os industriais reúnem com o governador civil. E' geral a paralização nas fábricas e nos caminhos de ferro não há carga nem descarga de cortiça. A *Batalha* esgotou-se, sendo arrancada das mãos dos vendedores.

Em Portalegre

Os corticeiros concederam um prazo, que termina hoje, aos industriais

PORTALEGRE, 26. — A Associação Corticeira desta cidade recebeu ontem os manifestos da Federação proclamando a greve geral da classe. A direcção mandou convocar imediatamente a classe, reunindo hoje em assembleia magna pelas 20 horas, estando as salas da Associação completamente repletas. Presidiu Lourenço Moura, secretário por Epifanio Papafina e Júlio Sanches. Foram lidos o manifesto da Federação Corticeira e os relatos pormenorizados da greve que *A Batalha* tem inserido, tendo falado vários camaradas.

Foi nomeada uma comissão de seis corticeiros, para apresentar as reclamações à Fábrica Riba, sendo-lhe concedido um prazo de 48 horas, que finda segunda-feira pelas 12 horas.

No Seixal

O movimento prossegue serenamente — A Batalha saudada com entusiasmo

SEIXAL, 27. — Chegou aqui força armada, o que despertou irritação entre os grevistas. O administrador do concelho assistiu à assembleia geral hoje realizada, reconhecendo a ordem e unidade que os animo, declarando que a força armada não fora por elle requisitada, vindo apenas para manter a ordem. O moral dos grevistas é esplêndido, tendo nessa sessão usado de palavra vários trabalhadores fazendo ver à grande massa de trabalhadores a justiça que tem as reclamações da Federação Corticeira.

A assembleia também aprovou uma proposta, segundo a qual no caso de qualquer corticeiro tentar furar a greve, ninguém volte ao trabalho sem que ele seja despedido. Foram nomeados: delegados efectivos à Federação, os camaradas Edmundo Pratas e Henrique Torrinha; presidente da direcção do sindicato local dos corticeiros, Francisco Pinheiro e secretário Edmundo Pratas.

Nesta localidade os grevistas são em número de 700 esperando serenamente a solução do conflito, que não pode deixar de lhes ser favorável.

Foi proposta uma calorosa saudação a *A Batalha* pela forma como tem defendido a classe corticeira, proposta que foi acolhida com vibrantes aclamações a este jornal.

Em Almada

Na sessão de ontem falou o delegado dos corticeiros de Évora — O Centro Socialista vai expulsar os seus dois membros que traíram a greve

ALMADA, 27. — Prossegue o movimento corticeiro nesta localidade, não tendo havido incidentes. Os grevistas reúnem hoje novamente em assembleia magna.

Foi lido um officio do Centro Socialista, pedindo a nomeação de dois delegados a fim de se proceder à expulsão de desse centro dos traidores à greve corticeira, que nele estão filiados, sendo até um deles o presidente! Para esse effeito foram nomeados os camaradas Silvério dos Santos e João Guerreiro, devendo ser substituídos por Domingos Miguel e Manuel Agosto, no caso dos dois primeiros camaradas, em virtude dos seus afazeres, não se poderem desempenhar desse cargo.

A União dos Sindicatos Operários de Almada, nomeou seu delegado junto dos grevistas, o camarada Artur José Evaristo. Vera propôs que, uma vez solucionado o movimento, sejam expulsos das fábricas os traidores. A assembleia também tomou conhecimento de que a casa Symington quer amanhã pôr o motor a trabalhar, a fim de proceder à descarga dum barco com 70 fardos, sendo deliberado nomear mais comissões de vigilância. Por proposta de António Rolão, deliberou-se que os encarregados não vão às fábricas.

Artur José Evaristo, em nome da U. S. O. de Almada, afirma aos camaradas grevistas a inteira solidariedade do organismo que representa, à causa porque lutam.

E' então dada a palavra a António Guerreiro, delegado dos corticeiros de Évora. Vem ali — declara o orador — em nome da Associação Corticeira de Évora, a fim de trocar impressões com os camaradas de Lisboa. As reclamações dos corticeiros de Évora são idênticas às formuladas pela Federação, tendo

